

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA . LICENCIATURA

Lisiane Mateus Munhoz

**VIDA É SABER VIVER:
marcas do contexto social nas produções textuais de alunos
do ensino fundamental**



Porto Alegre
2º Semestre
2013

Lisiane Mateus Munhoz

**VIDA É SABER VIVER:
marcas do contexto social nas produções textuais de alunos
do ensino fundamental**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia . Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Darli Collares

Porto Alegre
2º Semestre
2013

Lisiane Mateus Munhoz

**VIDA É SABER VIVER:
marcas do contexto social nas produções textuais de alunos
do ensino fundamental**

Trabalho de conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia . Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 9 de dez.2013

Profª Darli Collares

Profª Glaucia Grohs

Profª Luciane Magalhães Corte Real

*Dedico este trabalho a cada
aluno e aluna que vivenciou na
prática a elaboração do livro de
poesias Vida é saber viver.*

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

... aos meus familiares que me apoiaram durante toda a minha caminhada.

...ao José Milton Lopes que me deu forças nos momentos difíceis, coragem e inspiração.

... à minha orientadora, prof^a Darli Collares pela paciência e auxílio nas dificuldades enfrentadas.

... a todos os alunos e alunas que nesses 4 anos de experiência no magistério ajudaram a me constituir enquanto professora.

... aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para o êxito deste percurso.

Muito obrigada!

*Eu fico
Com a pureza
Da resposta das crianças
É a vida, é bonita
E é bonita...*

*Viver!
E não ter a vergonha
De ser feliz
Cantar e cantar e cantar
A beleza de ser
Um eterno aprendiz...*

Gonzaguinha

RESUMO

A presente pesquisa, resultado do Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresenta como foco de análise os poemas que os alunos do segundo ano do segundo ciclo do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Porto Alegre construíram durante o ano letivo de dois mil e doze. Tem como objetivo verificar marcas da experiência na família e na escola, nas produções desses alunos, inferindo as implicações dessas relações na constituição do sujeito. O aporte teórico metodológico utilizado foi a abordagem qualitativa do tipo análise documental. Este estudo está ancorado nos estudos de LARROSA (2002), FREIRE (1996), DALLA ZEN (1997), MATURANA (2002) e outros. A partir das análises desenvolvidas destaca-se a importância da família e da escola nas aprendizagens e relacionamentos, deixando evidente o quanto as instâncias sociais contribuem para a construção de sentidos e significados pelo sujeito.

PALAVRAS-CHAVES: Contexto social. Produções textuais. Proposta pedagógica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	28
Figura 2	29
Figura 3.....	30
Figura 4.....	31
Figura 5.....	32
Figura 6.....	34
Figura 7.....	35
Figura 8.....	36
Figura 9.....	37
Figura 10.....	37
Figura 11.....	38
Figura 12.....	40
Figura 13.....	40
Figura 14.....	41
Figura 15.....	41
Figura 16.....	42
Figura 17.....	43
Figura 18.....	43
Figura 19.....	47

SUMÁRIO

1 O CICLO DA VIDA.....	10
2 PERCURSOS.....	12
2.1 OS CAMINHOS DA MINHA VIDA	12
2.2 OS CAMINHOS DA VIDA PARA O ALUNADO.....	14
2.3 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	17
3 CONSTRUINDO A HISTÓRIA: MARCAS DO CONTEXTO SOCIAL.....	20
3.1 VIVENDO A VIDA NA FAMÍLIA.....	21
3.2 ENTRELAÇAMENTOS DA VIDA NA ESCOLA.....	24
3.3 VIVÊNCIAS FAMÍLIA - LAR E FAMÍLIA - ESCOLA.....	25
4 O SENTIDO DA VIDA SOB A ÓTICA DOS ALUNOS.....	27
4.1 MARCAS DE VIDA EM FAMÍLIA.....	27
4.1.1 A PRESENÇA DO %BARA SEMPRE+ ATRAVÉS DAS RELAÇÕES.....	28
4.1.2 A ORALIDADE MANTENDO O %BARA SEMPRE+.....	29
4.1.3 O %BARA SEMPRE+NOS VÍNCULOS AFETIVOS %o.....	30
4.1.4 O %BARA SEMPRE+EM RUPTURAS+.....	31
4.2 MARCAS DE VIDA NA ESCOLA.....	33
4.2.1 VÍNCULOS COM A FAMÍLIA.....	34
4.2.2 VÍNCULOS PESSOAIS.....	35
4.2.3 VÍNCULOS DE AMIZADE.....	36
4.2.4 VÍNCULOS AO FUTURO.....	38
4.3 MARCAS DE VIDA NO ATO DE VIVER.....	38
4.3.1 IMPREVISIBILIDADES.....	39
4.3.2 CONTEMPLAÇÕES.....	41
4.3.3 SIGNIFICAÇÕES.....	42
5 UMA NOVA EXPERIÊNCIA DE VIDA ESCOLAR.....	45
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50

1 O CICLO DA VIDA

A presente pesquisa é o resultado do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo como foco de análise a produção poética realizada por alunos de um 2º ano do 2º Ciclo do Ensino Fundamental, vinculados à rede municipal da cidade de Porto Alegre, no ano de 2012. A investigação tem como aporte teórico os pressupostos da abordagem qualitativa em educação do tipo pesquisa documental, utilizo como referencial teórico as autoras, LUKDE e ANDRÉ. Neste capítulo introdutório, situo como se dará todo o processo de desenvolvimento do trabalho para melhor visualização do mesmo.

Para dar conta deste estudo, o segundo capítulo trata dos percursos da pesquisa acadêmica, desde os meus, enquanto acadêmica, professora e humana, bem como os do alunado no processo de construção do livro de poesias. Além disso, aborda a metodologia que guiou a análise da pesquisa.

O terceiro capítulo mostra como foi sendo construída a história de vida através das marcas do contexto social advindas da família e da escola e de suas relações.

O quarto capítulo, se ocupa da análise das produções dos alunos e sua categorização, abordando o sentido da vida sob a ótica dos alunos, expressas através das marcas de vida na família, na escola e no ato de viver.

O último capítulo destaca aspectos relevantes a respeito da pesquisa e aponta possibilidades de futuro para os estudos realizados.

2 PERCURSOS

Existem muitos caminhos que permeiam esta pesquisa acadêmica, seja os meus próprios, os dos alunos e a da metodologia. Foram movimentos necessários para permitir a compreensão de como foi se delineando toda esta trajetória que será aos poucos revelada.

2.1 OS CAMINHOS DA MINHA VIDA

Fico pensando, hoje, na minha trajetória de vida. Tantas situações aconteceram sem que eu parasse para pensar no que eu ia vivendo. Apenas mais tarde o meu olhar de adulta foi se aprimorando e também construindo a permissão de refletir sobre o vivido, em virtude da própria exigência universitária no decorrer das atividades acadêmicas. Valho-me das palavras de FREIRE (1996) quando afirma que os seres humanos são seres inacabados que lançam perguntas existenciais na eterna busca de aprimoramento e reflexão do vivido para poder compreender a si próprio. Assim pude perceber as passagens de um tempo com ou sem cronologia definida, mas cheios de muitos significados antes não percebidos.

Lembro-me da escola fundamental e média, no papel de estudante, na qual, em nenhum momento se buscava através de uma prática pedagógica o resgate de lembranças e memórias pessoais. Se isso ocorreu não foram significativas para mim a ponto de me marcarem de alguma forma, para que eu pudesse hoje refletir a respeito. Tenho, sim, muitos momentos saudosos do período que guardarei comigo e os viveria novamente se pudesse, porém não houve uma devida reflexão, apenas foram vividos e, com certeza, produziram muitas marcas.

Hoje procuro pensar mais sobre a vida de maneira geral, bem como a minha própria e nas (im)possíveis escolhas que faço ou deixo de fazer e, conseqüentemente, para onde isso vai me levar. Quais razões/motivos de eu estar aqui? O que vou aprender/ensinar para as pessoas de minha relação ou de outras que de maneira indireta também sofrem algum tipo de influência advinda de mim? O que faz as pessoas se moverem? O para onde e para quê? Não estou querendo exatamente respostas, mas compreender como se dão as coisas, as escolhas, as relações humanas. Algumas respostas vou encontrando e assimilando conforme a

minha possibilidade cognitiva de compreendê-las ou de acreditar estar sendo. Há respostas que ora servem por horas, dias, meses, outras parecem trazer, ainda mais, possíveis indagações sobre outros indícios a serem trilhados; outras me satisfazem ou até esqueço que um dia pensei a respeito, diminuindo a intensidade do buscar por determinados questionamentos de outrora. Entendo que não basta estar apenas aqui e sim se faz pertinente mudar o nosso olhar, ressignificar momentos a fim de melhor compreender aquilo que nos perpassa no cotidiano. Tudo o que nos acontece contribui em nossa constituição enquanto sujeitos. O que somos hoje e o que queremos ser, isso é o caminho que o viver nos proporciona.

Independente do espaço em que estou inserida e do papel desempenhado, tento tomar atitudes que delego como importantes - seguindo a minha intuição. Viver é fazer escolhas e seguir também escolhas de outros. Assim, no contexto familiar, sendo filha, tento exercer e administrar as funções cabíveis que o papel social me instiga a ser, o que não significa que acerte ou erre sempre, até porque ambos são condicionantes de aprendizagem e esta é contínua. Em outros contextos, desempenho outras funções, e porque não dizer outras vivências, outras perguntas, outras escolhas, outras respostas.

Hoje, atuando como professora na rede municipal de Porto Alegre, tento propor projetos que levem à reflexão do cotidiano vivido. Esses, mais tarde, podem ser transformados em ações humanizantes com a intencionalidade de melhorar o convívio social, permitindo o sentir-se bem consigo e com o outro, sem a pretensão de delimitar sentidos. Pretendo, com isso, possibilitar que os alunos divaguem, saindo de um adultocentrismo que a tudo interpreta e nomeia.

Ao abraçar o projeto anual da escola, percebi que não bastava desenvolver a temática como se os alunos por si só já estivessem inseridos nele como algo natural. Antes de qualquer coisa, eles precisavam compreender que a vida não era vivida e percebida da mesma maneira por todos. Foi nesse momento que me dei conta que ter histórias para contar era resultado de atribuição de significado à vida. Tornei-me, então, curiosa por saber, afinal de contas, o que se vive é valorizado como vida? Exaltamos os momentos bons e ruins como aprendizagens do viver? O que damos valor? Seria o convívio afetivo importante? O ter para ser ou ser para ter? O pensar no próximo, mesmo este não sendo tão próximo assim? Que caminhos trilhados do viver delegamos como importantes? Quais as simetrias, similaridades e confluências do meu, do seu, do nosso viver? E

o fundamental disso é: realmente dissertarmos no cotidiano a respeito do conceito vida ou simplesmente vivemos?

Este trabalho simboliza uma finalização de uma longa trajetória de estudante universitária que iniciou em 2000. Este ano completa 10 anos da minha primeira colação de grau ocorrido em 2003/2: Licenciatura em Pedagogia séries iniciais. Pretendo mais uma vez saborear a grande alegria de estar vivendo um momento ímpar. Eu quero e não quero me graduar. É como se eu estivesse vivendo uma *quase aposentadoria*. Eu simplesmente não gostaria de sair daqui, sinto-me incompleta, não porque a faculdade não me tenha dado os alicerces e as possibilidades de algo, mas por sentir necessidade de renovar-me ou de relembrar estudos acadêmicos pouco internalizados por mim. Parece que sempre falta algo. Gosto deste ambiente acadêmico, dos olhos brilhantes, dos medos, das dúvidas, das alegrias, das pessoas e o que elas produzem. Encerro uma longa jornada vivendo uma mescla de sentimentos.

Lanço-me a este novo desafio e escolhendo desenvolver a pesquisa com uma turma que me deu muitas alegrias e também muitas tristezas pela desarmonia em alguns momentos mais afoitos, porém tendo o entendimento que a prática pedagógica nem sempre prima por flores a serem colhidas, mas por pedras a serem tiradas e ambas as situações são importantes aprendizagens.

2.2 OS CAMINHOS DA VIDA PARA O ALUNADO

O presente trabalho nasceu em virtude do projeto anual da escola, cujo título era *“Viver é ter histórias para contar”*. Desenvolvido 2012, como já elucidado no capítulo introdutório, com uma turma de 2º ano do 2º Ciclo de uma escola da rede municipal de Porto Alegre, com idades que variavam entre 10 e 12 anos, na qual assumi a proposta como professora regente. Uma turma que advinha de constituições variadas de ser família: ausência dos pais ou um deles por falecimento ou abandono, vivendo com tios, amigos, ex- padrastos, bem como aquela com pai, mãe e filhos.

O ano citado era um ano antes da culminância das festividades pelos 50 anos da escola. Como nos anos anteriores, o corpo docente é sempre instigado a desenvolver projetos que valorem a escola, através do registro de acontecimentos

marcantes, os quais possam ser lembrados e valorizados por todos, promovendo seres construtores da própria história. Assim, por estar inserida na comunidade, a escola está viva, cheia de cultura e saber. Por isso todos são convidados à prática da sensibilização, convivência e compartilhar do que é seu, do que é meu, do que é nosso. Tendo o entendimento de quem ama cuida, por isso precisamos cuidar do lugar e das pessoas para que nela passem, permaneçam e possam seguir a diante felizes por terem deixado marcas em sua passagem pela escola.

Nessa compreensão, a escola passa a ser mais que outro espaço de conhecimento, tornando-se, também, espaço de socialização, prática de hábitos, atitudes, destrezas e competências e sentidos. E quem faz a escola? Somos todos nós. Cada um vai contribuir do seu modo, intencionalidade, comprometimento, condições, habilidades e vontade. Cada um planta a sua sementinha e esta é redistribuída produzindo outras sementes. Ela pulsa, ela cresce, ela é nossa. Nesse ensejo, o aluno percebe-se como cidadão e compartilha, com sua voz e vez, parte de sua vivência do meio em que vive, no interior do espaço escolar.

Nessa perspectiva, foi proposto que a turma referida participasse e contribuísse nessa nova empreitada através de uma construção poética, na tentativa de descreverem, em versos, o significado que esses têm sobre a vida, com base nas experiências vivenciadas ou conhecidas. Para realizar e desenvolver este empreendimento, foi necessário fazer o convite. É imprescindível ter atores da ação. Uma construção não se faz apenas com um tijolo. Existe muito mais além também de uma simples parede. Também não bastaria convidar, era necessário vender uma ideia. Mostrar para eles a visualização de um desejo e que esse poderia ser vivido, sim, por todos. Também não bastaria querer, era necessário buscar dentro de si tudo que podia dar, mesclando o dar e o receber para que todos vencessem esse desafio. Porém, nada cai do céu. Se quisermos dançar, precisamos dançar, se quisermos cantar, precisamos cantar, se quisermos caminhar, precisamos caminhar... Para desenvolver um projeto, precisamos aprender a aprender, que só se dá, de fato, fazendo. A cada dia vivíamos o projeto direto ou indiretamente. Ele precisava nascer, desenvolver, multiplicar e aparecer. Para tanto para que houvesse a eclosão, foi realizada a apresentação do projeto geral da escola, afinal de contas a turma precisava se familiarizar para que pudessem engatinhar para partir em busca dos primeiros passos da caminhada. Depois, foi lido um texto introdutório, cujo título deu nome ao projeto, foi escrito por uma professora aposentada da escola, que um

dia também viveu sua história ali. Marcou, com isso, um registro seu, de sua passagem. Assim como ela, eles e a professora também queriam deixar seus marcadores.

Todo projeto nasce de uma necessidade. Se compreendermos que somos importantes, então somos necessários. Se nos valorizamos, os outros passam também a nos valorizar. Isso é acolhimento. Não se faz acolhimento de uma pessoa só. Ela é feita de muitas pessoas. Ela se equilibra, cresce e multiplica em outras ações. Projetos são exemplos. É como se dissesse: tu és capaz. Não entendendo com isso ser algo fácil. Mas sim, desafiante.

Nessa prerrogativa, foram convidados a serem os autores de um livro de poesias sobre a vida. Uma tentativa de valorizar, resgatar e preservar a memória. Tendo em vista que é preciso compreender o que se está vivendo, em uma viagem permanente entre o passado e o presente, possibilitando projeções de futuro.

Várias atividades foram desenvolvidas, tentando buscar o entendimento dos alunos sobre o que é a vida e suas relações e apontamentos gerais. Durante três meses foi sendo aprimorado.

Como foi desenvolvido o projeto:

- Resgate cultural sobre suas vidas e o sentido da vida:

- Introdução do projeto da escola (leitura do texto escrito por uma ex-professora da escola . ela foi convidada a escrever um texto, pois ela é escritora)

- Leitura de textos escritos, poesias, livros infantis, músicas ou imagens que abordassem o tema vida (etapas da vida, histórias, importância, contribuições, aprendizagens).

- Escrita de textos sobre a vida do aluno ou seu entorno: Quem eu sou?

- O melhor dia da minha vida. . Daqui a 10 anos o que farei? . Quando eu for adulto eu serei? O que eu gosto de fazer? O que é vida?

- Construção da Linha de vida (cada ano com registro de algo marcante)

- Busca do caminho da generalização do tema e do desenvolvimento do projeto, com isso interligando saberes próprios e do outro:

- Construção do livro:

+ Apontamentos individuais no decorrer de análise de várias tipologias textuais.

+ Exposição das ideias no quadro verde.

+ Semelhança e união de ideias.

+ Desenvolvimento dos versos: individual/grupo.

+ Exposição das novas ideias.

+ Discussão: alterar, descartar, melhorar e criar novas ideias.

+ Retorno: individual ou grupo.

+ Ilustrações das estrofes já finalizadas: aleatoriamente.

+ Digitação das estrofes no Laboratório de Informática: aleatoriamente

+ Escolha de vários títulos para o livro e votação aberta.

+ Apresentação do trabalho em uma oficina promovida pela Secretaria Municipal de Educação, em um dos espaços da própria escola: professora e um aluno.

+ Exposição na escola do livro de poesias e dos manuscritos que geraram este, no encontro de finalização do trimestre.

Todo o processo de criação resultou na confecção do livro de poesias com 25 estrofes e ilustrações dos próprios alunos, intitulado como: Vida é saber Viver. A impressão e encadernação foram realizadas com recursos próprios da escola. A produção escrita foi doada para a biblioteca da escola, incentivando que os alunos tornassem além de produtores, leitores de sua própria obra.

2.3 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo que tem como abordagem a pesquisa qualitativa, a qual foi escolhida por se adequar melhor ao tema a ser estudado, tendo o entendimento que será trabalhado com dados que não podem ser mensurados, por tratar de crenças, valores, atitudes, situações que foram vivenciadas ou gostariam de viver, ou até mesmo projeções de vida dos alunos. Entende-se, dessa maneira, que o material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos+(LUKDE; ANDRÉ, 1986, p.12).

Assim, a pesquisa tem caráter investigativo com a intencionalidade de buscar, através da ótica dos alunos, a sua compreensão do lugar vivido. Afinal de contas, que marcas do contexto social estão expressas na produção textual de alunos de 2º ano do 2º Ciclo de uma escola municipal? Tem como objetivo verificar marcas da experiência na família e na escola, nas produções desses alunos, inferindo as implicações dessas relações na constituição do sujeito. É desses lugares, conhecidos ou idealizados, que partem suas ideias a respeito do que seria o conceito vida. Será uma inquietação que percorrerá o decorrer deste estudo. Tal inquietude leva-me a construir uma trajetória de pesquisa em que a tônica está em almejar compreender - a partir da perspectiva dos sujeitos infantis - as representações através da linguagem escrita e do desenho que esses dão a respeito do conceito vida, partindo dessas duas instâncias. Tal investigação não tem a pretensão de fazer um decalque exato e sim buscar padrões encontrados nos dados, sem a pretensão de comprovar teorias, hipóteses pré-definidas. Assim dessa maneira não se quer buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos+(LUKDE; ANDRÉ, 1986, p.13). Será algo que será delineado ao longo do processo de análise de dados a fim de possibilitar que os alunos sejam porta-vozes de si mesmos . e não os adultos de sua relação - como produtores e leitores.

Em consonância ao exposto acima:

O significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador. Nesses estudos há sempre uma tentativa de capturar a perspectiva dos participantes; isto é, a maneira como os informantes encaram as questões que estão sendo focalizadas. (LUKDE; ANDRÉ, 1986, p.12).

Para operacionalizar este estudo, a fonte utilizada como coleta de dados, como já explanado será um livro de poesias intitulado como - Vida é saber viver - composto de 25 estrofes, produzido e ilustrado por 28 alunos de uma escola municipal da capital gaúcha. Compreendendo que análise documental recorre a fontes diversificadas, tais como [a.] diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares; (idem, p.38), que possibilitam essa maneira direta de investigação. Entendo que tal escolha possa ser usada para alavancar

informações, não meramente dados, nas diferentes etapas de processo que engloba, desde a observação dos dados, leituras e possibilidades de entendimento. Dessa maneira, a escolha do material deve-se pela construção ter sido proporcionada e incentivada pela própria pesquisadora, ao exercer a função professora regente, e por ser uma fonte ainda não analisada. Os alunos envolvidos foram convidados a refletir através de diferentes tipologias textuais, como: narrativas, poesias, livros infantis, músicas; bem como imagens, que abordavam o tema vida, culminando, ao final de três meses, o projeto *“Viver é ter histórias para contar”*.

3 CONSTRUINDO A HISTÓRIA: MARCAS DO CONTEXTO SOCIAL

O contexto social é delineado pela experiência de vida, pela explicação do mundo do qual se faz parte, bem como a compreensão da própria presença no mundo. É o lugar de onde se estrutura aquilo que o sujeito segue ou ao qual se refere. É tudo aquilo que se relaciona com o ambiente, inclusive suas interações com o meio que o circunda.

Em consonância com o exposto, pode-se afirmar que:

O ser humano não nasce completo, depende biologicamente e se constitui como sujeito a partir da qualidade das relações que estabelece. Esse ser é incompleto, pois se humaniza a partir da apropriação da cultura em que está inserido, das ferramentas sociais com que tem contato, do seu desejo e do desejo do outro, numa dinâmica de aprender e conhecer, conhecendo-se. (PAROLIN, 2005, p.49).

Os elementos do contexto social vivido são apropriados para o desenvolvimento individual do sujeito, pois na vida diária podem ser confrontados com situações específicas que implicam em ações direcionadas para objetivos ou resoluções de conflitos particulares. Os significados das situações vividas oriundos da própria vivência diária, vão sendo, dessa maneira, delineados aos poucos, compartilhados pelo grupo na socialização. Entendimentos que não são aqueles necessariamente retirados do dicionário como algo padronizado e sim aqueles que partem de sua própria construção de significados, e de sua internalização e reprodução do construído.

Neste sentido, o contexto também desempenha um papel relevante: em certo contexto, uma palavra, ou uma frase, pode adquirir uma conotação que, em momentos mais tarde, em outro contexto, poderá transmitir um conjunto diferente de sugestões ou alusões. (ROAZZI; COLLEGE, pag.28)

O contexto social possui particularidades próprias que em outros momentos ou outros contextos sociais poderão ser melhor compreendidos com outros atributos e necessidades relevantes ao convívio estabelecido pelo grupo, Assim, o contexto está, portanto, relacionado com a realidade, a qual por

experiência, o sujeito foi habituado a conectar o emprego de determinados significados em lugar de outros+ (idem, p.30)

Contudo, é preciso perceber não apenas isso, mas todo o ambiente de desenvolvimento em que estas construções acontecem e suas relações. Ao encontro desta perspectiva, FREIRE (1991, p. 22.) aponta que, %Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho+. Há todo um ciclo de relações que vão reproduzindo e produzindo sentidos que vão sendo assimilados por quem os vive, ajudando a construir a subjetividade. É pertinente tomar conhecimento e refletir a cerca dos papéis sociais de quem compartilha um lugar comum, pois através desse ato se poderá compreender a si e ao outro. É preciso conhecer o lugar em que se vive para assim poder valorizá-lo e até mesmo oportunizar mudanças importantes que antes pareciam não serem necessárias.

3.1 VIVENDO A VIDA NA FAMÍLIA

A nossa história de vida precisa ser conhecida e valorizada. Todos têm importância e fazemos, sim, a diferença. A nossa história vai sendo construída seja pela escrita, oralidade ou por imagens, mesmo antes de nossa existência ou compreensão dela.

Pessoas que ainda nem conhecemos bem, já estão construindo uma trajetória e seremos inseridos neste mundo que nos vai aos poucos sendo revelado.

Desde o momento em que somos gerados e até antes disso, nossa história já está sendo construída. Quando duas pessoas se encontram, no caso, nossos pais, oportunizando-nos a vida, esse encontro já carrega consigo uma história, ou melhor, duas histórias já marcadas por muitas outras. Histórias essas que se engendram, geram trocas, formam vínculos e, assim, dão início à nossa história. (FOLLADOR, 2011, p.27)

Mas é a partir do nascimento que vamos trazer alguma contribuição a este lugar vivido através da convivência com as pessoas e ao fazer descobertas. Certamente vivemos e viveremos muitas histórias. A nossa vida é um livro que a cada dia tem uma nova página, um novo pedacinho sendo acrescentado. À medida que

crescemos seja física, moral ou intelectualmente, vamos deparando-nos com um mundo cada vez maior. Um mundo construído por muitas pessoas e suas histórias de vida que podem ser iguais a nossa em alguns momentos, parecidas ou totalmente diferentes da nossa.

A criança vive em muitos lugares, lugares esses que vão ajudando na sua constituição enquanto sujeitos. Um dos lugares, com grande significância, é no lar. A vida familiar proporciona situações de convívio necessárias para o sentido de pertencimento, moralidade e projeção de futuro.

A inserção da criança em um contexto social acontece desde o seu nascimento. Elas vão aprendendo em tenra idade os mecanismos pertencentes àquele local. Isso se dá porque elas observam e internalizam o que as pessoas, principalmente as adultas, que estão em seu meio, elegem como importantes. Tal assimilação e recriação do vivido se dão conforme o amadurecimento cognitivo que ela vai adquirindo com o passar do tempo. Nesse contexto social, será vivenciado muito do estar na sociedade. Não se esquecendo, é claro, da existência das inúmeras discursividades em voga, que ora se cruzam, ora se vive isoladamente ou várias ao mesmo tempo . oportunizando diversas tipologias de ser e de viver em família.

A família é o grupo social primário pelo qual somos inseridos sem escolha prévia. Dela recebemos os primeiros recursos e ensinamentos segundo a cultura e o contexto vivenciado.

Nessa prerrogativa:

O ser humano é um animal social. Essa assertiva de Aristóteles já foi, há muito, acolhida pelas diversas ciências que estudam a humanidade. Não há possibilidade de desenvolvimento sem grupo. Desde o andar ereto, a fala, a troca de afeto até as mais diversas manifestações cognitivas . tudo nasce de encontros e desencontros entre as pessoas. (CHALITA, 2008, p.18)

Dentro dessa aprendizagem relacional, abrange inclusive a compreensão de hierarquias, seus limites, tarefas, acordos conscientes e inconscientes de regras e costumes. Nesse modo de ser família vai-se internalizando sentimentos e sentidos de acordo com os acordos estabelecidos. Responsabilidade maior que recai sobre os progenitores ou responsáveis por elas que podem ser os principais motivadores

de seus filhos, bem como permissivos, negligentes, presentes ou ausentes em sua tarefa de primeiros ensinantes.

A família tem um papel importante de base do indivíduo, pois poderá viabilizar um futuro sadio. Proporcionando o vir a ser+e manter o que já se é+, sem desconsiderar o equilíbrio, o desequilíbrio e a volta ao equilíbrio deste jogo de ser humano. Por isso a criança é alvo de muitos cuidados e atenções que se dão na área da saúde, da alimentação, da escola e do recreacional.

Em vista disso, as primeiras aprendizagens e experiências do infante são circunscritas no lar. Nele receberá a orientação e o direcionamento dentro das condições estruturais e possíveis em um dado momento daquele grupo. Tendo o entendimento que não é possível e nem mesmo mensurar ou delimitar padrões de perfeição familiar. Cada um a compreende atinente aos acordos firmados que lhe parecem apropriados e os vive como sendo os que conhece e segue.

Chalita (2008) compreende que a família possibilita não estar sozinho. É um espaço para compartilhar os sentimentos, as conquistas, os desafios, suprir as necessidades de amor, de valorização e de limites. Também discursa sobre a não existência de receitas prontas ou modelos de sucesso.

Hoje vivemos muitos modos de ser família em sua constituição e trejeitos, já que se ampliaram as formas de composição de relacionamentos existentes. Há vários contextos diferentes onde surge o ser família, e os filhos passam a conviver em diversos lugares com suas representações diferentes em virtude de separação dos seus pais, vivendo com um ou outro, até mesmo com suas avós ou outros familiares. Sem falar dos elementos que compõe a família que pode ser constituída de muitas maneiras: tia com filhos e sobrinhos; avó com neto; irmão mais velho com o mais novo, entre outros.

Chalita (idem) revela que:

Independente de sua configuração, a família nunca deixará de ser a referência mais importante para o indivíduo. É fundamental considerar que os pais são os principais modelos de identificação dos filhos. (p.166)

Aprendemos a aprender, inclusive a ser uma família ou até mesmo poder-se-ia dizer mais de uma. É preciso compreender que existem diferentes jeitos de ser família que precisam ser conhecidos e reconhecidos ao invés de lhe serem negados

a sua existência. A família é constituída pelos laços sanguíneos ou afetivos que precisam ser fortalecidos, não somente enquanto se está vivendo a infância, mas algo que perdura por todas as etapas de vida.

3.2 ENTRELAÇAMENTOS DA VIDA NA ESCOLA

Hoje a escola precisa estar aberta para todas as discursividades com o cuidado de reforçar padrões que não atingem a todos ou reforçando uma única verdade. Nessa perspectiva, a escola é um dos espaços sociais que media o entrelaçamento entre o indivíduo e a sociedade. Ela trabalha modelos de comportamento, de valores e de aprimoramento intelectual (leitura, escrita, cálculos e conhecimentos gerais básicos . podendo ir além) pertinentes ao desenvolvimento cognitivo. Também permite que aflore atitudes humanizantes, cultivando outras novas e lapidando conhecimentos prévios incongruentes através do contato estudantil com esse novo núcleo social no qual foi inserido, ainda que não necessariamente por escolha.

Nesse pensamento:

A escola é um espaço rico de possibilidades, de descobertas diárias da arte de ensinar e de aprender, de conviver, de viver em harmonia. As relações professor/aluno e aluno/aluno são um verdadeiro laboratório para a vida, pois estão repletas de dilemas, de conflitos de escolhas que permitem exercitar, resgatar, revisitar e rever os princípios, os objetivos, os valores que nos mantêm unidos. A ação começa por poucos e vai contagiando muitos, até que atinja todos. (CHALITA, 2008, p.197)

A escola irá receber inúmeras subjetividades, não podendo ser um espaço, portanto, sem vivacidade. A escola precisa impulsionar o interesse do aluno em se conhecer e reconhecer, em outras palavras, saber quem é, afinal, bem como quem é aquele colega que está ali cotidianamente. Para tanto, precisa existir um espaço acolhedor aonde os sujeitos ali possam estar realmente juntos e não apenas juntos.

Nessa perspectiva, aos poucos, o sentido de pertencimento vai sendo construído e com ele a sua identidade e a auto-estima. É uma outra instância, com seus códigos e regras. Contudo, se não estudou em uma determinada escola, esta passa a ser apenas uma construção que serve de escola, sendo por tanto um prédio qualquer. Agora, se este lugar foi um dos que possibilitaram a constituição do

sujeito, ele possui lugares significativos e que formaram a memória. E a história se materializa na memória.

3.3 VIVÊNCIAS FAMÍLIA - LAR E FAMÍLIA - ESCOLA

Duas instituições, dois contextos sociais. Necessitam estar em sintonia. Mesmo que possam partir de premissas ou concepções diferentes, se faz necessário o elo para que possam ser uma o complemento da outra. Uma é dependente da outra, nenhuma é melhor que a outra. Não se deve tomar como opostos uma da outra.

Unidas estas duas instâncias facilitam a tentativa de alcançar ou até mesmo ampliar um objetivo ou vários, direcionando com mais êxito o ensejo que se almeja ou se projeta. Seja qual a escolha, será para que o filho/educando tenha um presente e um futuro promissor, não necessariamente no caráter financeiro, mas de um humano mais humano em suas relações e consigo mesmo.

A escola também precisa estar aberta para desenvolver o seu trabalho direcionado para as vivências dos alunos, uma vez que ele é um sujeito ativo na aquisição do seu próprio conhecimento. Ao promover projetos que resgatam a história de vida dos alunos, é uma maneira de entrar no seu mundo particular, revelando muitas particularidades que pouco são mostradas ou conhecidas, até mesmo por ele próprio.

Estas duas instâncias são interdependentes e influenciam um ao outro por isso a necessidade de cooperação e não um jogo de empurra e empurra pelo qual a escola quer ensinar e a família quer educar. O compartilhamento de responsabilidades e ajuda mútua se faz necessário, pelo diálogo entre professores e a família dos alunos, sendo uma parceria que gera grandes frutos. É preciso encontrar um caminho de interação escola-família, possibilitando que o espaço escolar se torne realmente um espaço de trocas.

Como aponta Moreira (1987):

O relacionamento escola - pais é um caminho de mão dupla e constante movimento que merece ser trilhado com máxima atenção. As crianças levam conhecimentos adquiridos na vivência escolar para sua relação com os pais, ao mesmo tempo, em que trazem para a escola conteúdos de sua vivência em casa. (MOREIRA, 1987, p.44)

Os alunos precisam estar incluídos como sujeitos ativos que exploram e interagem nos diferentes ambientes em que vivem. Não somente o indivíduo ganha com isso, mas também a própria sociedade ao se deparar com outros indivíduos em condições plenas de continuar uma história com mais sabor e saber.

O professor, conhecendo melhor o seu educando poderá ter informações precisas e importantes para garantir um ambiente mais sadio para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicológico. Incluindo nestes processos não somente o acompanhamento escolar, mas também o que a família elege de valores e de que contexto social se está falando, para que consiga compreender quem é este aluno e de onde vem. A família por sua vez necessita ser participativa na vida do seu filho, acompanhando o seu desenvolvimento não somente no lar como na escola.

4 O SENTIDO DA VIDA SOB A ÓTICA DOS ALUNOS

Ao incentivar a produção dos alunos a escola revela uma riqueza de detalhes de sua compreensão sobre o tema que advém do seu contexto social, desvelando a sua maneira de sentir, de acreditar e de se posicionar próprios, que acontece frente as suas experiências. É possível constatar ainda uma grande fertilidade que é o imaginário infanto-juvenil, desde as suas idealizações, os seus caminhos já trilhados, suas expectativas e suas esperanças. Assim como diz Dalla Zen (1997, p.43), "Contar os fatos da vida é, de certa forma, narrar a história. Numa interlocução com o outro, através do seu texto, é possível conhecer o seu olhar". E ainda acrescenta que "tomar a produção textual dos alunos como fonte de informação das suas vivências, enfim, é procurar ouvir, compreender o que têm a dizer" (p.45). Quando escrevem demonstram em seus versos e nas ilustrações possibilidades de melhor perceberem o mundo a sua volta e a felicidade que pode existir nas coisas simples bem como suas escolhas e futuras escolhas.

Em concordância com a Ligiana Rocha de Souza (2010) em seu trabalho de conclusão do curso de Pedagogia, também da mesma universidade, destaco:

(...) as marcas mais recorrentes são as de aprendizagens, nas quais os alunos demonstram, através de desenhos, símbolos ou palavras assuntos que foram tratados durante a realização dos projetos em aula, demonstrando o que foi mais interessante, ou marcou mais, evidenciando o que aprenderam (p.26)

Em vista de tais argumentos, nos próximos capítulos faço uma análise seguindo o mesmo estilo de categorização da autora. Desta maneira, busco as marcas, fazendo uso de recortes do que é recorrente nas estrofes do livro de poesias que serve de estudo: destaque para as marcas de família, da escola e do ato de viver. Percebe-se no decorrer das análises o quanto as instâncias sociais contribuem para a construção de sentidos e significados pelo sujeito.

4.1 MARCAS DE VIDA EM FAMÍLIA

O termo família - não no sentido clássico, mas como núcleo social com o qual a criança convive - apareceu de maneira clara ou subentendida ao longo de muitas estrofes. Demonstrando o quanto é valorado fazer parte de algum tipo de

família e que nela se faz necessário algumas características, que lembram muito os contos infantis quanto a durabilidade do *para sempre* que se apresentou: nas relações, na oralidade, nos vínculos afetivos e nas rupturas.

4.1.1 A PRESENÇA DO Í PARA SEMPREÍ ATRAVÉS DAS RELAÇÕES

Intimamente esperamos que nossos pais permaneçam juntos para sempre. Mesmo que, visivelmente, na relação, marido e mulher, já não tenham condições de conviver em um mesmo ambiente, de maneira harmoniosa:



Figura 1

É quase como se a sua própria projeção de futuro fosse refletida em um espelho. Os pais seriam, por assim dizer, o futuro que se materializa no presente. Ao ficar junto lembra um pouco o final de muitos contos de fadas: *para sempre*. Um desfecho feliz por estarem unidos e ninguém poder mais separar o que o amor uniu.

A família é o lugar onde a função parental é exercida, cada qual exercendo o seu papel, já que a maneira como ela funciona influenciará muito a vida dos filhos. Os pais são os primeiros a iniciar os alicerces para os filhos em formação, para que estes possam no futuro enquanto adultos, terem condições de tomar decisões e resolver conflitos, pois terão maior consciência de seus objetivos de vida

e para onde estão indo as suas escolhas. É um lugar de acolhimento. É a terra firme para onde buscamos o aconchego. A proteção dada pelos pais ou outras pessoas que desempenham esta mesma função dá a sensação de bem-estar como se nada negativo pudesse acontecer, pois se está amparado e, por assim dizer, fortalecido.

4.1.2 A ORALIDADE MANTENDO O Í PARA SEMPREÍ

Percebe-se em outra estrofe, a busca pela perpetuação da família ao transmitir sua história através da oralidade. Assemelhando-se muito com as histórias escritas em livros, no que se refere a possíveis enredos, tramas e mistérios.

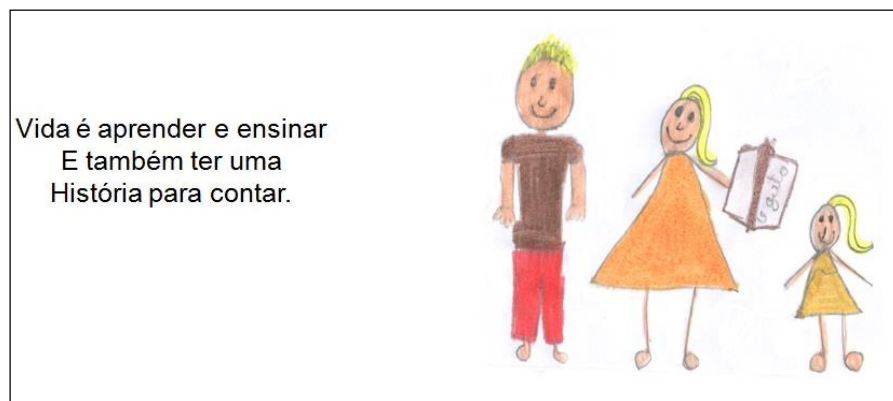


Figura 2

Os relatos do passado e do presente revelam, criam vínculos de pertencimento, ajudam na memória coletiva e intensificam o uso da imaginação, mesmo que não tenha necessariamente vivido de fato a situação ou tenha lembranças fiéis em virtude da idade, mas passa a sensação de ter estado lá e tido uma participação efetiva:

Pode-se compreender a família como algo que se define por uma história que se conta aos indivíduos, desde que nascem, por palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será por eles reproduzidas e resinificadas, à sua maneira tendo como base os elementos acessíveis aos indivíduos na cultura e nas sociedades em que vivem. Cada uma constrói seus mitos segundo o que ouve sobre si porem também desenvolve um discurso sobre si mesma (MACEDO, et al, p.3).

É mais um liame que aproxima os membros, já que para transmitir um conhecimento envolve sempre a presença de duas ou mais pessoas, não como apenas expectadores, mas como agentes que irão incorporar ainda mais histórias ao

contado. Oportunidade também de mostrar os modelos familiares nas diferentes etapas de vida dessas pessoas, uma vez que além de transmitir informações pela divulgação de fatos ela preserva-os. A história familiar tem muito a ensinar sobre escolhas e planejamentos do futuro, pois constitui o alicerce sobre o qual construímos a nossa identidade.

4.1.3 O Í PARA SEMPRE Î NOS VÍNCULO AFETIVOS

O ciclo da família dando início através do amor conjugal, trazendo com ele a possibilidade de expansão deste sentimento para os futuros ou já filhos desta relação:



Figura 3

Neste pensamento, a palavra amor foi muito exaltada. Como se ao exercê-la trouxesse com ela toda a paz e harmonia almejadas. Não seria possível mensurar o amor que cada elemento da família possa sentir um pelo outro, muitas vezes ela se dá exteriormente através dos trejeitos e não necessariamente através das palavras apesar da necessidade dela ser comunicada. Os primeiros exemplos afetivos se dão dentro do próprio lar, é lá que a amorosidade terá espaço para ser desenvolvida. Lanço mão das palavras de Maturana ao dizer que:

O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto. (MATURANA, 2002, p.25)

Não basta ser uma família, é preciso existir a possibilidade de convivência amorosa, já que pessoas amadas constituem sujeitos mais autônomos e respeitosos tanto para si quanto para o outro. Também reforça a existência de outras constituições familiares que não deixam de ser família, já que o amor prevalece como um elo entre os indivíduos:

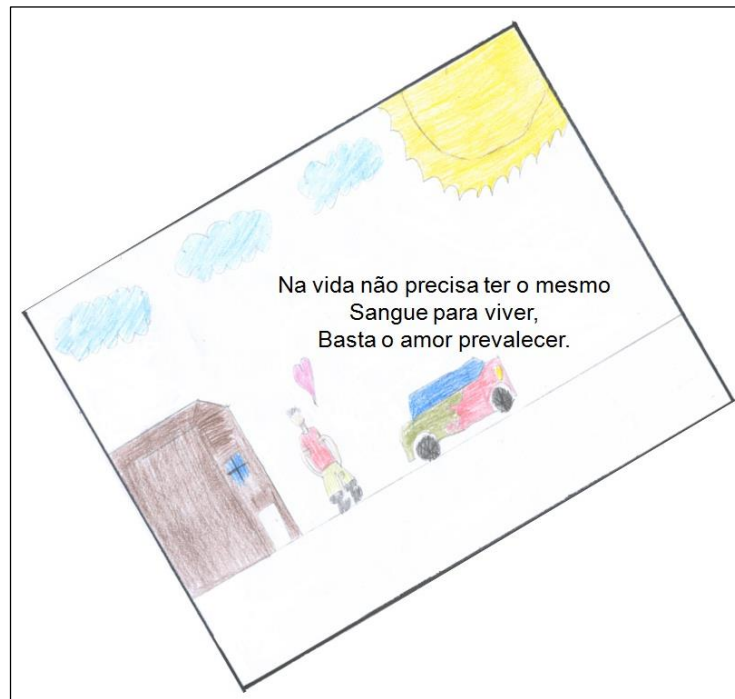


Figura 4

Neste entendimento se ampliará o espaço do escutar e falar, do sentir e dar sentido, e da aceitação de quem se é e de quem se está sendo. Isso faz lembrar o que dizia Mario Quintana entre suas inúmeras poesias, que: "Amar é mudar a alma de casa+, pois ocorre a transformação do ser, para um ser ainda melhor.

4.1.4 O Í PARA SEMPREÎ EM RUPTURAS

Verifica-se que os alunos esperam determinadas qualidades, posturas, deveres e obrigações que devem ser seguidos como características que demarcam o ser família. Apesar de ansiarem que isso se concretize na prática, nem sempre ocorre, mas não descartam a possibilidade de tentar novamente e de receber uma nova chance de começar de novo.

Para a minha surpresa, a turma ao visualizar esta estrofe, quase em coral sinalizaram que este retorno não seria igual como antes, revelando que os laços

ficaram frágeis e que iriam ter que reatar as amarras e este processo é algo muito dolorido:



Figura 5

Na imagem acima, percebe-se dois momentos: família unida e a desunida. Enquanto a segunda imagem à esquerda demonstra um olhar de apoio e ternura do adulto para com a criança; a primeira imagem à direita apresenta duas pessoas com semblantes tristes e uma criança sem rosto com um ponto de interrogação em sua cabeça. É como se aquele sinal de pontuação falasse por si: O que será de mim? Eu não sou importante? Eu sou culpada pela desunião?

Podemos um dia não mais conviver dentro do mesmo lar, mas espera-se que sua ocorrência não se dê em tenra idade. Deseja-se que a família esteja sempre ali disponível e preocupada em dar amparo nas mais diferentes situações. Se isso não acontece, parece que a confiança foi quebrada. É como se dissesse: Se não cumpriu o compromisso por que fará agora? Apesar de se dar a chance de se arrepender de um ato praticado, isso faz-nos pensar o quanto as situações vividas deixam marcas significativas: se eu confio em você, consequentemente eu confiarei em mim mesma para fazer as escolhas que a vida me exigirá.

O abandono ou ausência nem sempre se dá pelo afastamento físico da pessoa de sua relação. Às vezes o estar junto não é estar junto em sua totalidade. Pode-se estar toda a família reunida - independente de sua constituição - em um mesmo recinto, contudo cada um estar envolvido em algo diferenciado ou com sua atenção voltada para o mesmo foco, contudo sem a existência de trocas

significativas entre eles. Não que o afetivo não exista, ele pode até existir, mas cada um está direcionado a seus próprios interesses individuais. Por isso a qualidade do momento vivido é preferível na falta da quantidade disponível de atenção que se tenha. Não basta estar junto, precisa existir diálogo e demonstrar confiança para trazer um ambiente mais sadio. A criança ou adolescente precisa ~~ser vista~~, por isso, muitas vezes, estes têm determinadas atitudes, sejam elas consideradas corretas ou não. É como se dissessem: Estou aqui. Se este desejo de ser notada, amada e protegida não acontece, pode provocar a sensação de estar só - mesmo não estando no seu sentido corporeo - possibilitando até mesmo gerar sentimentos de menos valia, surgindo sentimentos de culpa, mágoa e tristeza. Se faz necessário, neste entendimento, a existência não somente do amparo material, mas também o moral e o afetivo. A frustração destes princípios pode provocar danos, já que os filhos nutrem a expectativa de serem criados, assistidos e amados por aquelas pessoas que são responsáveis por elas.

4.2 MARCAS DE VIDA NA ESCOLA

A escola é um lugar muito importante, pois além de existir troca de conhecimentos, também permite as trocas afetivas. É neste sistema que se estabelecem as primeiras relações fora do primeiro ambiente vivido que é o da família. Apesar de ser um outro local, o sentido de pertencimento à família, está sempre está junto no íntimo do aluno, em muitas de suas ações e nas produções escolares. Também é um ambiente no qual são conscientizados sobre muitos temas que permeia o nosso dia a dia, como o meio ambiente, etapas da vida humana, respeito mútuo (destaque para as palavras mágicas: por favor, obrigado e desculpe), saúde do corpo e da mente, política, pluralidade cultural entre outros temas. Temas que levam ao conhecimento e sua posterior reflexão.

Nesse sentido, o termo escola apareceu em diversos momentos, principalmente de maneira indireta. Muitos dos anseios que almejam são depositados na escola como promotora de algo a vir a ser ou de algo que já está sendo construído. Muitos conceitos desenvolvidos durante o período escolar se destacaram nas estrofes, através dos diversos vínculos: família, pessoais, amizade e de futuro.

4.2.1. VÍNCULOS COM A FAMÍLIA

A família é retratada constantemente pela escola, já que para conhecê-los melhor é pertinente saber de onde eles vêm e quem são os elementos que compõem este lugar. Muito costumeira nessa escola é a atividade pedagógica: **linha do tempo**, sinalizando os principais fatos ocorridos em cada ano de vida. É uma atividade que foi desenvolvida com essa turma e o quanto apareceram as marcas que o constituíram, desde nascimento de um irmão, um novo amor dos pais, passeios inesquecíveis, presentes esperados ou surpresas não imaginadas. O quanto o passar do tempo, faz-nos realmente crescer, ver o mundo e reconhecer que a etapa vivida é um passo para o próximo que virá:



Figura 6

Contudo, qualquer etapa que se passa sempre está dentro de nós e precisa ser reconhecida e de certa maneira mantida viva ao ser lembrada ou contada para alguém. E o quanto é possível ver as rupturas ao não escrever nada em algumas datas, mesmo recebendo orientações a respeito de pedirem em casa a ajuda de algum familiar. Bem como as escritas de fatos não necessariamente tenham vivido mas que, em algum lugar, ou em dado momento ou com alguma pessoa, mas que de alguma forma deixou lembranças que o impuseram a demarcar como parte de sua história. Mesmo aqueles que não puderam viver tão

intensamente, parecem que o querem ao citar momentos, somente porque algum colega o fez, para poder pertencer a algum lugar ou pessoa, para sentir-se menos inferiorizados. Talvez isso como se fosse um porto seguro, mesmo que de fato talvez nem tenha sido, mas que o faz ser parte de algo. Foi tão marcante a atividade anterior que apareceu constantemente também nas estrofes dos poemas, pois todo o processo foi pertinente.

4.2.2 VÍNCULOS PESSOAIS

Muitos alunos desta turma viveram situações que fizeram sair do ninho para dar vôos para outros lugares, tendo que viver com outros elementos para constituírem outras famílias e, com isso, novos olhares, novos horizontes.

A escola proporciona ir muito a fundo na vida das crianças, e suas narrativas são permeadas de muitas histórias que envolvem muitos laços com outras pessoas, por isso a relevância de dar-lhes voz e vez na tentativa de refletir e ajudá-los na autonomia de transpor os obstáculos futuros onde será os protagonistas de muitas decisões sobre os novos caminhos a serem trilhados. A cada estrofe é possível ver a profundidade que alcança, é como se entrasse de fato no íntimo, no secreto, no escondido que aos poucos vai se revelando sem culpas, mas cheios de intencionalidades:



Figura 7

A escola é um espaço cheio de muitas singularidades, um mundo em cada ser. Revelações que podem surgir se o espaço vivido proporciona esta intimidade.

4.2.3 VÍNCULOS DE AMIZADE

Mesmo sendo desenvolvido em conjunto este trabalho, tem particularidades que só pertencem a própria pessoa e estas estão guardadas a sete chaves que muitas vezes nem elas próprias tem acesso em virtude de traumas, negações e rupturas.

Por mais que tenhamos este mundo interno, muitas vezes desconhecido, não nos impede de sair para o mundo concreto e coletivo ao encontro dos outros eus:



Figura 8

Por isso os laços afetivos aparecem em muitas imagens e versos, pois não se vive só. É no encontro com outro que aprendemos muitas vezes a nos entender. Assim, nesse espaço significativo, os alunos podem conhecer muitas pessoas que podem permanecer na mesma sala de aula por muitos anos, poucos meses ou por um período escolar. É um pequeno recorte mas que faz parte da temporalidade do viver, com seus tempos bons ou ruins. Do que pode significar o eterno e o passageiro e das sensações que esses tempos deixam marcados.

A escola deixa de ser um local puramente construtor do conhecimento para um ambiente que pode ser o palco de muitos sentimentos que podem ser saboreados, desde alegrias de uma nova amizade, dificuldades interpessoais, de sentir-se amado e de amar, competições, ganhos e perdas. Sentimentos que podem ser melhor compartilhados e dialogados sempre buscando o crescimento:



Figura 9

Acrescento que no encontro pode ocorrer um número significativo de interações contínuas e complexas, que a escola pode proporcionar a sua experiência ou pelo menos fazê-los descobri-los e pensar a respeito:



Figura 10

Por isso o destaque para o sentimento amoroso das relações, mesmo que em um primeiro momento este encontro não seja festivo ou tenha uma finitude feliz. Na escola aprende-se o que limita nossas atitudes é o nosso encontro com outro, a vida não é um monólogo onde somente nós somos importantes, pelo contrário, ela é enriquecida ao querer estar com alguém e fazer algo de bom a este, que na verdade está permeado da intencionalidade da busca do melhor para si.

4.2.4 VÍNCULOS AO FUTURO

A escola possui uma enorme importância na vida, já que possibilita o preparo para o futuro, resgata o passado e valoriza o presente. Dessa maneira, prepara o sujeito para interagir e encontrar o seu lugar na sociedade. Mas para saber onde é o seu lugar, precisa observar, auto-observar-se e se comunicar. Quem eu sou? Quem é você? Para onde vou? Onde estou? Quais perspectivas têm estes alunos? O que mais esperam que a escola lhes ofereça? Que portas se abrem ou se fecham a cada dia vivido nos espaços que a escola proporciona, muitas vezes restritos aos horários estabelecidos pela grade curricular?



Figura 11

Como diz parte do verso "Que se esforçam para estudar. E serem alguém na vida". Este ser alguém é algo construído. É algo que precisa ser estudado. Estamos em constante construção e reconstrução. Não somos seres prontos. E a escola, como demonstrada por eles ainda tem "as chaves" que abrirão para um outro mundo, mas não significa que sua entrada seja fácil, é preciso muito empenho para chegar lá. Contudo para chegar lá, precisamos deste "grupo de amigos" que nos proporcionarão muitas experiências, como um preparo prévio para a continuidade da vida.

4.3 MARCAS DE VIDA NO ATO DE VIVER

Segundo Larrosa (2002), as palavras produzem sentido, criam realidades servindo de dispositivo para a subjetividade. As palavras têm uma grande força, já

que com elas podemos nos expressar, dar significados, nos posicionar diante de nós e do outro.

Ao escrever, os alunos podem significar ou ressignificar os episódios que acontecem no seu contexto social, uma vez que ao escrever precisam lembrar ou criar situações. A escrita é um instrumento que transmite traços próprios do pensar, que podem estar guardados no íntimo, sem o devido extravasar. Ao escrever se rompe barreiras, possibilitando uma maior liberdade e sua emancipação.

Quando os alunos retratam a vida, elas remetem a lugares que não são apenas da escola, elas podem vir da rua, da casa, de qualquer lugar, mas com o seu olhar. A identificação das palavras-chaves nas produções escritas revela um pouco dos vocábulos dos alunos, pois através da repetição de ideias sugere situações de vida comuns e significâncias semelhantes em virtude de serem integrantes de uma mesma comunidade.

A construção da aprendizagem sobre o que seria a vida ou o que almejar a respeito dela, não se dá em um dado momento e tudo está resolvido, ele é um constante ir e vir, desequilibrando, acomodando e equilibrando novamente: a aprendizagem da vida, a busca incessante do entendimento das coisas fazem parte da aventura humana, são alimentos essenciais (DALLA ZEN, 1997, p.68).

Em virtude das colocações acima dispostas, esta aprendizagem se dá por uma vivência diária que ajuda a constituir o sujeito, porém ela continua em virtude da incompletude humana. Essas marcas que vão sendo delineadas acontecem em muitos momentos e lugares, permitindo que se compreenda o que o viver envolve e o quanto produzirá significâncias, através de suas imprevisibilidades, de suas contemplações e de suas significações. Marcas que serão pertinentes para a continuidade da vida.

4.3.1 IMPREVISIBILIDADES

Estas aprendizagens não ficam restritas aos ambientes familiar e escolar. Extrapolam para outros lugares e olhares, levando-os a compreender que nem sempre temos as ideias da vida. Há situações que podem acontecer sem controle e sem escolha:

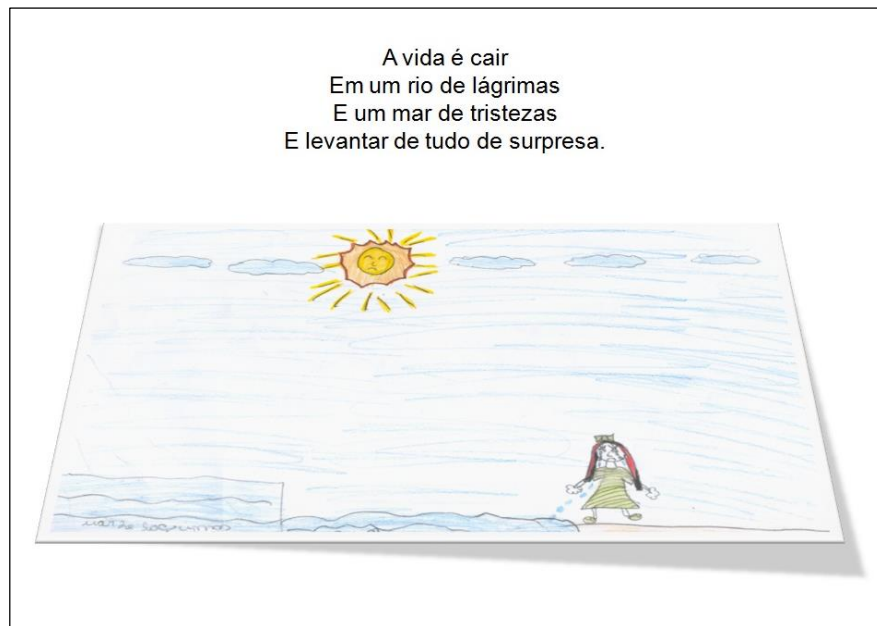


Figura 12

Contudo, podemos adquirir resiliência com o passar do tempo, superando limites, levantando das quedas e seguindo a diante. Afinal de contas a vida lembra muito um jogo, todos querem ter um bom êxito nos passos dados, para o resultado final sair vitorioso da experiência:

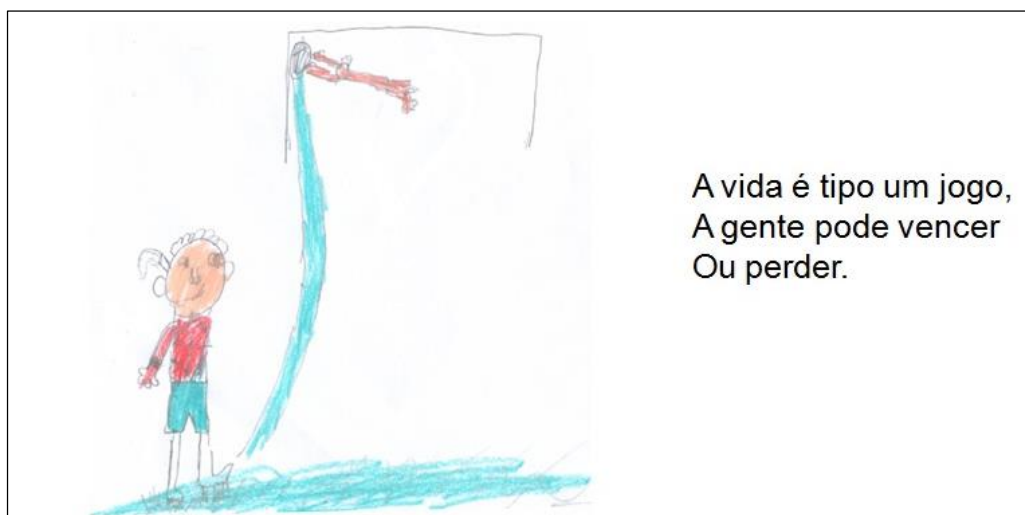


Figura 13

E o interessante é a percepção deles de que a vida é atrelada a idas e vindas. Viver é arriscar. Tudo é aprendido desde ganhar, perder, errar e acertar. Neste jogo da vida é preciso compreender as regras que a permeiam para seguir uma longa caminhada de aprendizagens:

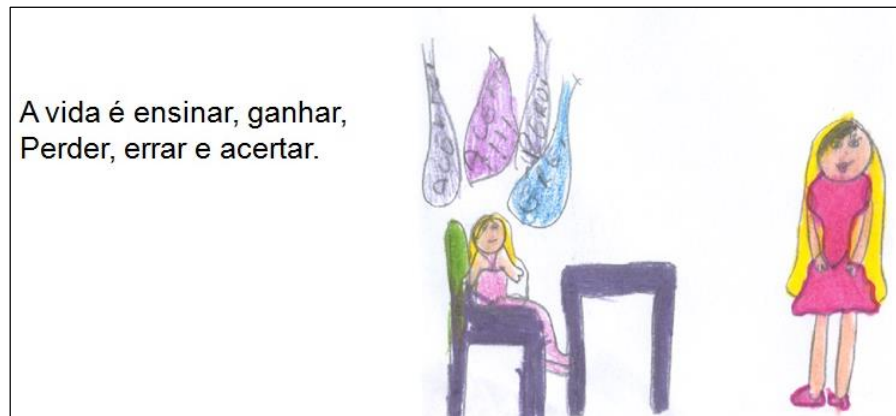


Figura 14

4.3.2 CONTEMPLAÇÕES

Destaque para a vida como um instante de prazer através da contemplação. Em suas escritas ficou claro que as melhores coisas da vida são de graça e que dinheiro nenhum vai poder trazer algo tão sincero e espontâneo como um abraço, um sorriso, ter amigos, dar e receber beijos, ter uma família, dormir, acordar e sorrir e curtir a natureza:



Figura 15

Precisamos observar esses momentos com mais carinho, pois nem sempre adquirir um bem material vai trazer aquela felicidade almejada: ter para ser. Têm situações que não têm preço. E reforço, mais uma vez, o quanto a escola

favorece através das atividades pedagógicas este entendimento. Entre inúmeras leituras de produções textuais que antecederam este trabalho, se consegue ver o desenrolar do projeto.

Realmente, existem muitos momentos tão poéticos que ficam registrados como quadros na mente. Curtir, dançar, ouvir e ter prazer. Buscar os encantos que estão tão perto de nós e que podem passar muitas vezes despercebidos:

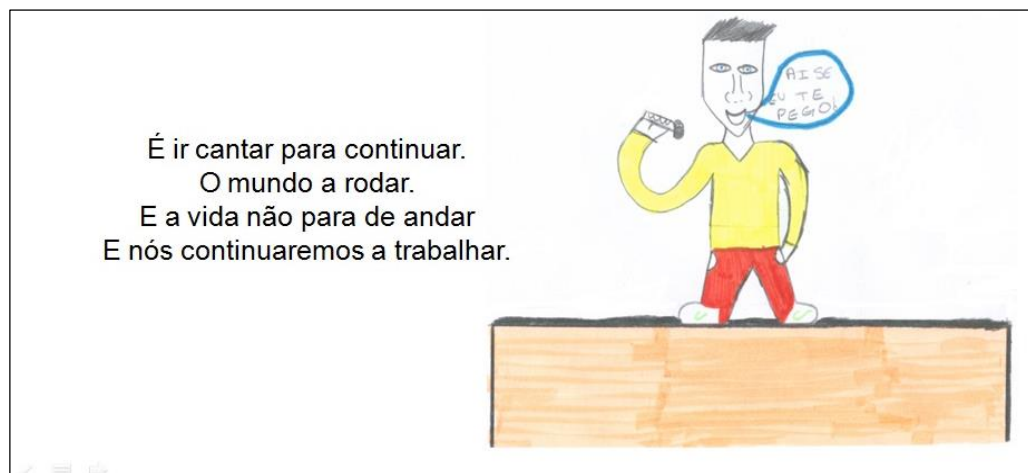


Figura 16

E a vida continua. Não podemos desistir. A vida pulsa. E o mundo precisa de nós para se movimentar e continuar a sua existência é por isso que estamos aqui.

4.3.3 SIGNIFICAÇÕES

O quanto o próprio conceito da palavra vida, revela uma valorização existencial, como algo especial que precisa ser respeitado. Estas histórias de vida não são fictícias como aquelas conhecidas dos livros infantis, por mais que elas possam ser, por vezes, fantasiadas.

É o reconhecimento que a vida se dá em muitos lugares e possuem significações que não são percebidas da mesma maneira. Para alguns é valorada a vida em seu sentido amplo, para outros não é delegada tanta importância. Verifica-se que enquanto a imagem da esquerda apresenta um personagem que demonstra pouco apresso pela vida, designando-a como chata; na da direita a representação de uma vida mais cheia de cores e com os dizeres que a vida é legal. Representando a oposição:

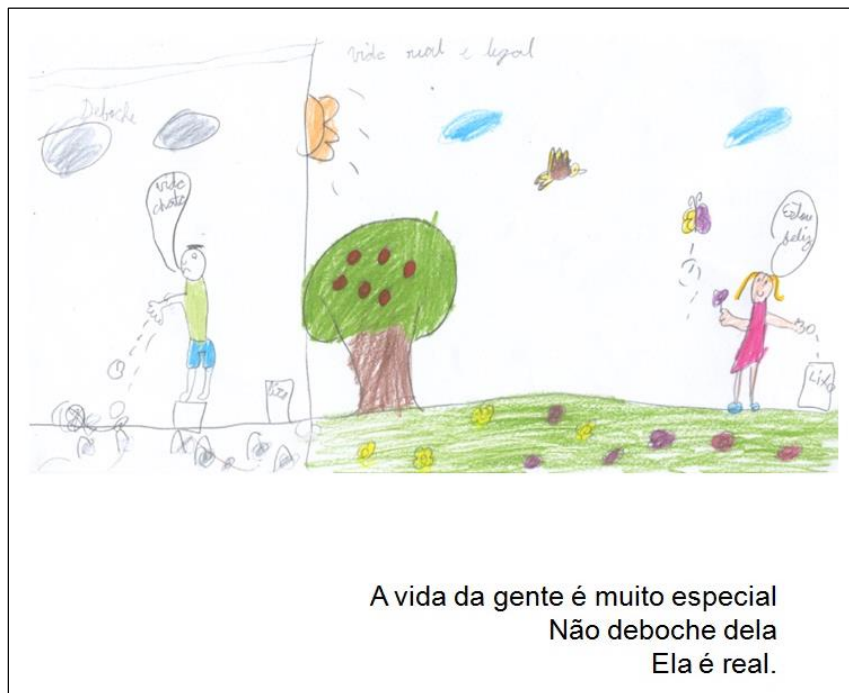


Figura 17

Na figura seguinte é possível ver a criança acompanhada de um adulto, apontando para o horizonte, no primeiro olhar daquele sujeito infantil, a felicidade da vida pode ser simplesmente ir em uma praça acompanhada daquela pessoa que lhe dá amor, carinho e apoio, mas passa a confiança necessária para buscar o seu presente em outros momentos e lugares:

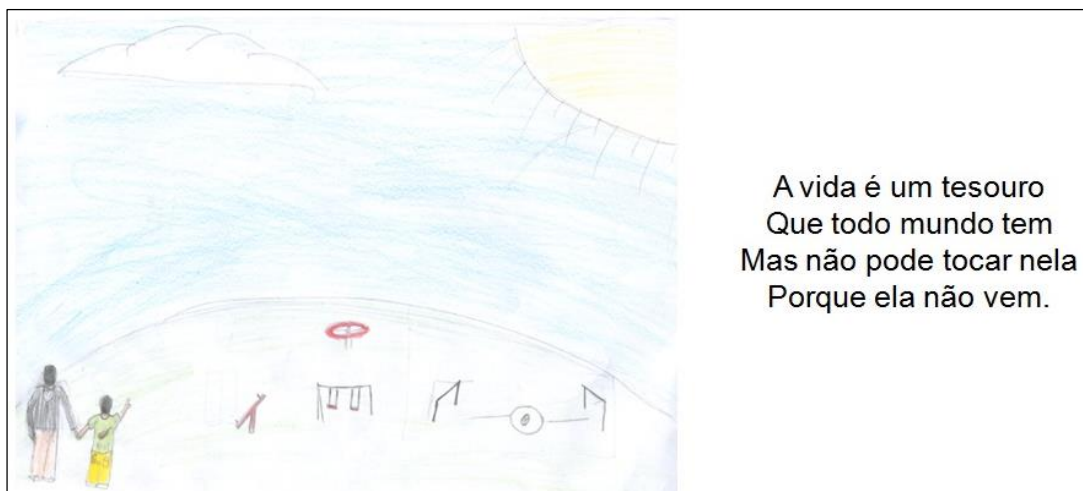


Figura 18

Dessa maneira a vida é um tesouro que todos recebem, mas não é algo que se possa pegar e sim, algo que se pode viver intensamente, não significando que isso não seja concreto como algo real. Para usufruir deste presente precisa-se ir

à luta, buscar intensamente realizar seus sonhos para que este fique ainda melhor com o passar dos anos.

Muitos filósofos falaram sobre a vida e os alunos também puderam ser ao mergulhar neste trabalho de maneira intensa. No próximo capítulo será explanada mais um pouco sobre que sensações que este trabalho despertou nos alunos e com certeza ficará sempre guardado em um lugar especial no coração deles.

Fica aqui uma prévia devido à relação com o título deste subcapítulo:

A vida, o tesouro mais precioso, quando alguém morre em nossa vida ainda permanece em nossos corações a pessoa sempre será especial nunca nos abandonará. O futuro está próximo não ignore não lute siga-o você está vivendo um aviso especial viva ele, corra atrás porque estará contigo. Deus foi quem te criou. Agradeço a ele, ele quem te deu vida agora procura amar sua vida pois algumas pessoas demoram para achar continua procurando.
Não esqueça viva ela.
K.

Mais uma vez destaca-se o quanto é grandiosa a vida e que muitas pessoas perpassam a nossa vida e deixam algo para nós, mas também levam algo da gente. Os registros na memória farão que a finitude dos laços não se rompam. E o futuro? Este virá a cada instante novo, a cada amanhecer e que não adianta fazer de conta que algo, ou alguma coisa não exista ou não vai acontecer. Cada circunstância vivida é algo especial, vivida por pessoas especiais, tem significado e importância.

Mas é preciso ter fé, acreditar que poderá ter um objetivo, pois não estará sozinho na caminhada, apesar de muitos acreditarem estarem sós e sentirem perdidos.

5 UMA NOVA EXPERIÊNCIA ESCOLAR

Era uma vez uma turma B24, o nome da professora era Lisiane. Um dia a professora resolveu fazer um livrinho com a turma. A turma desenhou, tirou foto e pintou e o livro ficou legal eu gostei que todo mundo participou e ficou legal.
Y.

Como em muitas histórias infantis clássicas sempre começa com o *era uma vez*. Era uma vez uma turma que conseguiu produzir significados sobre seu contexto social, baseados nas experiências vividas. Foram muitas aprendizagens! Puderam perceber em si e no grupo a evolução de sua escrita. Puderam brincar com as palavras demonstrando que a vida é uma poesia, dividida em algumas estrofes cheias de versos que podem ou não ter rimas, mas que são atreladas de muitas histórias.

Fiquei muito surpresa com as falas e posteriores escritos poéticos que iam surgindo. Havia uma forte preocupação em aprimorar cada vez mais aqueles versos que, na sua simplicidade inicial, já demonstrava algo que vinha de alguma vivência. E a forte necessidade individual de destacar o que havia feito tanto nas escritas quanto nos desenhos . um reconhecimento do seu eu . um trabalho coletivo que partiu antes de tudo, do próprio sujeito.

Ao final do projeto, mas não da caminhada, os alunos produziram textos os quais descreveram sobre seus sentimentos em relação à sua participação. Pude perceber, através das leituras de seus escritos, o quanto a turma cresceu enquanto grupo que vive no mesmo ambiente a metade de seu dia: *Gostei porque nós fizemos um trabalho em grupo e isso é bom porque cada um dá a sua opinião própria e daí cada um vai respeitar a opinião do próximo+e junto a gente também desenhou a gente fez poemas e ficou muito legal este trabalho fizemos todo mundo junto nenhum ficou para trás todo mundo fez+. Apesar das exigências de um mundo cada vez mais individualista e competitivo, precisamos sim das outras pessoas, pois somos seres interdependentes nas pequenas ou grandes ações e relações. Precisamos desenvolver a capacidade de se colocar no lugar do outro de nossa relação: *A gente compartilhou a alegria de fazer o trabalho+. Alegria esta que só se dá em sua plenitude quando a união faz a força, que faz mover e celebrar o que todos construíram juntos.**

Através das relações interativas é possível conhecer uma gama maior de informações. Além de falar a respeito de algo, precisa-se ouvir e posteriormente refletir do que se toma conhecimento no âmbito escolar, informações que partem de outros lugares também e que são trazidos, já que no diálogo surgido, traz com ele outras realidades.

Segundo Freire:

[...] não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo "leitura do mundo" que precede sempre a "leitura da palavra" (FREIRE, 1996, p.49)

Para que isso aconteça é preciso que aquilo que os alunos tomam contato na aula, faça sentido através do espaço de leitura de suas experiências. Quanto mais proporcionarmos sentido ao vivido, mais sentido a vida terá, mais importantes ela se torna. As experiências práticas são promovedores de aprendizagens significativas. Em outras palavras, seria aquilo que realmente vai marcar e por fim permanecer como uma lembrança saudosa e diferencial. Ao dar liberdade a eles, possibilitei que vivessem na ação o ensinar e aprender como algo que acontecem simultaneamente e que isso é algo prazeroso, no qual ocorre um crescimento de todos os envolvidos, seja aluno ou professor: "Eu achei uma experiência boa, legal e divertida fazer um livro da vida", "Eu achei que foi muito legal o projeto e também fazendo com a turma esse livro foi muita criatividade.", "Foi uma brincadeira que acabou muito bem". Um projeto nessa proporção dá-lhes perspectivas de futuro, dando-lhes esperança de algo a ser vivido e mais uma vez compartilhado: "Eu achei que o livro ficou muito legal e a gente poderia fazer um outro livro de amizade em 2013" e "Eu gostei muito do livro e espero muito que leiam e gostem" e neste mesmo entendimento: "Botamos na biblioteca para todo mundo poder pegar".

Bem, como se faz pertinente a ação do sujeito como promovedor de suas próprias aprendizagens: "Eu achei que o livro foi muito difícil e foi a turma que fez. Nossa muito legal", também é interessante outros dois apontamentos

semelhantes: "Eu gostei de desenhar e das frases. Foram muito criativo as frases e os desenhos+e "Eu gostei de tirar foto e de pintar e desenhar e planejar foi tri bala+.

Alunos animados sentem-se pertencentes e importantes. Sonham. Lutam. Vibram. Crescem. Era possível ver o brilho nos olhos de cada um a cada novo desafio. O quanto queriam dar tudo de si para realizar o projeto, até mesmo na hora de serem fotografados, queriam estar "bonitos+para aparecem na capa do livro, solicitando que eu avisasse o dia e ao verem a foto alguns pediram novas poses. Para representar o tema do projeto na capa do livro, cada aluno produziu a palavra vida a sua maneira em um papel, após cada um carregou junto ao peito para ser fotografado: "A gente também *tiramos* fotos e botamos na capa e com a faixa de papel escrito vida e o trabalho ficou muito legal+. Ao fundo, a paisagem "concreta+da escola, com seus tijolos a mostra, um a um para construção do todo: a parede. A escolha do local foi uma tentativa de mostrar a importância da coletividade, da união de cada um com aquilo que pode oferecer para o bem de todos.



Figura 19

Somos seres em constante construção e reformulação em um processo de transformação contínua. Só iremos viver se vivermos. Neste desenvolvimento vamos vivendo muitas histórias e precisamos desenvolver o olhar sobre o que perpassa a nossa vida. É uma escrita onde muitos foram os que escreveram, porém é pertinente mostrar-lhes que eles também são partícipes deste livro da vida, pelo quais muitos outros estão inseridos também.

Um professor pode passar por um breve momento na vida das crianças, pode ensinar-lhes muitos conteúdos, mas o que ficará mesmo, no final disso tudo, será aquilo que os alunos puderem carregar consigo em atitudes humanizantes e as que puder multiplicar até mesmo sem querer. Tendo em vista, que os alunos não querem somente ir para escola para receber a educação formal, seguindo os conteúdos curriculares. Existem muitas representações, significados, conceitos que

precisam ser percebidas pelo aluno para que ele possa relacionar a sua experiência vivenciada.

A escola não é apenas o lugar onde os alunos vão adquirir conhecimento, ele é um lugar também socializante. Costumo dizer aos alunos que vamos para a escola para duas coisas: ficarmos mais inteligentes e fazermos amigos. Neste ensejo, não se pode separar como duas dualidades, elas se completam. E para que isso aconteça precisam estar felizes por estarem ali. Um dos meios é através da afetividade que parte do professor e também do aluno, em uma relação de reciprocidade, poderá estabelecer um vínculo que abrirá inúmeras portas e não apenas uma. Agindo neste propósito, estaremos dando o nosso voto de confiança naquilo que o aluno significa. Ele se sentirá mais disposto e seguro, oportunizando o seu constituir, o seu formar . a sua subjetivação mais feliz e sadia.

O educador precisa evitar o papel centralizador que normalmente é dele por querer assumir tudo. Os alunos precisam receber o direito de exercer o papel de agente da ação alinhado com o papel cooperativo. Desta forma, eles se sentirão atores de sua própria aprendizagem, pois serão valorados no seu pensar e no seu querer. Neste encontro do eu com outros eus é que eles perceberão que, coletivamente um desafio pode enriquecer ainda mais a experiência, pois na união do crescer, proporcionará confiar e exigir de si e do outro. Pode-se inferir que os alunos tiveram espaço para que pudessem compreender que estão inseridos em muitos lugares, fazendo parte da família, escola, comunidade e do mundo como um todo. Puderam ser protagonistas ao reconhecerem os seus valores, lideranças, credibilidades capacidades, e sensibilidades. Tiveram de construir a sua própria forma de expressão, produzindo pequenas histórias nos espaços limítrofes das estrofes. Assim foi possível ver seus sonhos, seu cotidianos, suas perspectivas, seus desejos e seu imaginário abrindo o diálogo para que pudessem se entender e serem entendidos. Em um ir e vir na memória, desencadeando lembranças, sonhos, paixões, fragrâncias, espaços, ruídos e silêncios que estavam em segredo. Desta maneira eles foram os porta-vozes de si mesmos, produtores e leitores de suas experiências de vida.

Neste ensejo, o ser humano é um ser curioso. Proporcionar o desafio, a pesquisa, o descobrimento, a produção e a apresentação do que foi realizado, é ensiná-los mecanismos que podem ser utilizados de maneira natural em outros

momentos, pois saberão como fazê-lo, servindo para toda a vida como uma experiência ativa e enriquecedora. Neste entendimento, demonstra-nos Freire:

Tanto educadores quanto educandos envolvidos numa pesquisa, não serão mais os mesmos. Os resultados devem implicar em mais qualidade de vida, devem ser indicativos de mais cidadania, de mais participação nas decisões da vida cotidiana e da vida social. Devem, enfim, alimentar o sonho possível e a utopia necessária para uma nova lógica de vida" (1996, p.47).

Foi muito gratificante ver todo o processo e com ele todo o crescimento da turma, também, seus depoimentos a respeito da participação deles e o quanto foi significativa a experiência. Segundo Larrosa (2002) para se ter experiência sobre algo ele precisa ter sido vivido, caso contrário é apenas uma informação obtida, não é um passar pela pessoa em sua inteireza, seria apenas uma transmissão de algo. A experiência só acontece com a ação de fato que é feita pela própria pessoa. É uma abertura para algo ainda não conhecido. A experiência precisa do viver, para que realmente faça sentido e deixe suas marcas.

Neste entendimento cada aluno, bem como a educadora abraçou este projeto, não significando que ele tenha sido fácil e sim desafiador. Conseguimos desenvolver um verdadeiro espírito de equipe, onde cada um tentava incentivar o outro. Tivemos altos e baixos no processo. Foram muitas emoções sentidas, muitas tentativas, realizações, dúvidas e descobertas. Sonhamos, lutamos e realizamos. Uma inquietação que nos fez mover e estagnar e mover. Dialogamos, refletimos, questionamos e definimos para podermos seguir o nosso objetivo. Não paramos neste livro, fomos adiante na caminhada culminando em outro projeto: Eleições. Porém esta é uma outra história com seus outros versos, que também deixou marcas na nossa vida que não serão esquecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia da Amizade É bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo: Gente, 2008

DALA ZEN, Maria Isabel Habckost. **Histórias na vida e na escola: abordagem lingüística, pedagógica e social**. Porto Alegre: Mediação 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FOLLADOR, Simone Fátima H. A contação de histórias como elemento necessário na construção do leitor. **Caminhos Reflexivos da Pesquisa Docente**. 1.ed. . Curitiba: Honoris causa, 2011.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Universidade de Barcelona, Espanha. **Revista Brasileira de educação**, n,19, p.20-28,jan. - abr.2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v7n2/12.pdf> Acesso em: 16 de setembro de 2013

LUKDE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MATURANA R., Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução: José Campos Fortes. Belo Horizonte: ed. UFRMG, 1998. 98 p.

MACEDO, Cristina. et al. **A família no contexto social**. Acessado em 03 de novembro de 2013: http://fgh.escoladenegocios.info/revistaalumni/artigos/ed02/ed_02_ServicoSocial_FamiliaContextoSocial.pdf

MELLUCCI, Alberto. **Vivencia y convivencia: teoría social para una era de la información.** Tradução de Jesús Casquette e José Luis Iturrate. Madrid: Trotta, 1992

MOREIRA, Suley G. **Reunião de pais, momentos de troca e esclarecimento.** IN: Nova Escola. Ano II, n.12, maio 1997.

PAROLIN, Isabel. **Professores Formadores: a relação entre família, a escola e a aprendizagem.** Curitiba: Positivo, 2005.

ROAZZI, Antonio; COLLEGE, Wolfson. **O desenvolvimento individual, contexto social e a prática de pesquisa.** Acessado em 02 de outubro de 2013: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v7n2/12.pdf>

SOUZA, Ligiana de. **"Profe, você é uma princesa esperta" - nos bilhetinhos das crianças as manifestações de aprendizagens, afetos e emoções.** Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia . Licenciatura da UFRGS, 2010. Orientadora: Darli Collares.